

Entrevista com Michele Waltz Comaru

Interview With Michele Waltz Comaru

Entrevista a Michele Waltz Comaru

Maria da Conceição de A. Barbosa-Lima

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-1290-0060>

Michele Waltz Comaru

Instituto Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-3307-4255>

E-mail de correspondência: mcablina@uol.com.br

Recebido em: 28 dez 2022 • Aceito em: 10 jan 2023 • Publicado em: 30 jan 2023

DOI: 10.12957/impacto.2023.73009

Resumo

Aproveito o resumo para apresentar a entrevistada, professora doutora Michele Waltz Comaru. é doutora em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz - Fiocruz/RJ, com período de sanduíche na Universidad Autónoma de Madrid (Espanha), mestre em Química Biológica e graduada em Farmácia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro Fez seu pós doutorado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Exerce o magistério e realiza pesquisas na área de Ensino do Instituto Federal do Rio de Janeiro IFRJ e docente permanente dos Programas de Pós-graduação em Ensino de Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz e do Mestrado em Rede em Educação Profissional e Tecnológica, no qual atua também como coordenadora, e da especialização em Educação e Divulgação Científica. É ainda editora-chefe da revista Educação Profissional e Tecnológica em Revista (ISSN 2594-4827). Dedicar maior parte da sua produção científica à área de Formação de professores e Educação Inclusiva.



Abstract

I take advantage of the summary to introduce the interviewee, Professor Michele Waltz Comaru. holds a PhD in Sciences from the Graduate Program in Teaching in Biosciences and Health at the Oswaldo Cruz Institute - Fiocruz/RJ, with a sandwich period at the Universidad Autónoma de Madrid (Spain), a Master's degree in Biological Chemistry and a degree in Pharmacy from the Federal University of Rio de Janeiro He completed his postdoctoral studies at the Institute of Education at the University of Lisbon. He teaches and conducts research in the Teaching area at the Federal Institute of Rio de Janeiro – IFRJ and is a permanent professor at the Graduate Programs in Biosciences and Health Teaching at the Oswaldo Cruz Institute and at the Masters in Networking in Professional and Technological Education, at the which also acts as coordinator, and the specialization in Education and Science Dissemination. She is also editor-in-chief of the magazine Educação Profissional e Tecnológica em Revista (ISSN 2594-4827). He dedicates most of his scientific production to the area of Teacher Training and Inclusive Education.

Resumem

Aprovecho el resumen para presentar al entrevistado, el profesor Michele Waltz Comaru. Doctor en Ciencias por el Programa de Posgrado en Enseñanza en Biociencias y Salud del Instituto Oswaldo Cruz - Fiocruz/RJ, con período sándwich en la Universidad Autónoma de Madrid (España), maestría en Química Biológica y licenciatura en Farmacia de la Universidad Federal de Río de Janeiro Completó sus estudios de posdoctorado en el Instituto de Educación de la Universidad de Lisboa. Enseña e investiga en el área de Enseñanza en el Instituto Federal de Rio de Janeiro – IFRJ y es profesor permanente de los Programas de Posgrado en Enseñanza de Biociencias y Salud del Instituto Oswaldo Cruz y de la Maestría en Redes de Profesionales y Educación Tecnológica, en la que también actúa como coordinador, y la especialización en Educación y Divulgación de la Ciencia. También es redactora jefe de la revista Educação Profissional e Tecnológica em Revista (ISSN 2594-4827). Dedicar la mayor parte de su producción científica al área de Formación Docente y Educación Inclusiva.

A ENTREVISTA

Tendo sido apresentada formalmente nossa entrevistada, vamos logo de início agradecer por sua contribuição e passar a entrevista.

E. Bem professora, sei da sua escolha pelo estudo das Ciências Biológicas, sendo assim, creio que para começarmos nossa entrevista seria muito interessante que a senhora nos contasse como surgiu este interesse. Qual foi o seu caminho até formar-se professora de Biologia?



M. Cursei todo o ensino fundamental em escolas públicas do município do Rio de Janeiro e, na época do ingresso no ensino médio, descobri por acaso uma escola (ainda experimental) de ensino médio técnico integrado dentro da Fundação Oswaldo Cruz – a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Ingressei no curso técnico em Histologia nesta escola e está aí o meu vínculo primário com as Ciências Biológicas. Por influência direta de um projeto de Iniciação Científica Júnior coordenado à época pelo saudoso prof. Moacélio Verânio, me encantei pela pesquisa em Ciências da Natureza e inspirada pela formação deste professor, resolvi cursar a faculdade de Farmácia na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mais uma vez conduzida pela Iniciação Científica, passei a fazer parte da equipe do Laboratório de Tecido Conjuntivo no Instituto de Bioquímica Médica da UFRJ e dei continuidade à minha formação realizando o mestrado em Química Biológica. Mas a virada para a formação pedagógica se deu no doutoramento. E foi curioso como a formação em Ensino surgiu na minha carreira, pois eu lecionava no ensino superior disciplinas morfológicas para cursos da área de saúde e eis que em um início de ano a coordenadora anunciou a chegada de 3 alunos cegos nos cursos de fisioterapia e educação física. O desafio de ensinar microscopia para alunos cegos foi o pontapé para a elaboração de um projeto de pesquisa que foi submetido ao Programa de Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz no qual cursei o doutorado pesquisando e aprendendo efetivamente sobre os saberes docentes. A identificação foi imediata e, logo após a conclusão do curso, fui aprovada para o cargo de Professora no Instituto Federal do Espírito Santo. No entanto, a formação em nível de doutoramento na área de Ensino ainda não me habilitava – nem legalmente, nem pedagogicamente – como professora da Educação Básica. Foi aí que dei início à minha segunda graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas no IFES. Assim, posso concluir que a trajetória que me conduziu para a área das Ciências Biológicas esteve sempre vinculada à pesquisa e à iniciação científica.

E. Como foi seu percurso depois da graduação? Houve um período de trabalho, ou seguiu direto para o mestrado e o doutorado?

M. Após a graduação imediatamente fiz o mestrado, uma vez que já estava desenvolvendo um projeto de Iniciação Científica desde o 4º período da graduação. No entanto, após o mestrado ingressei no mundo do trabalho e me dediquei a projetos pessoais como a maravilhosa decisão pela maternidade.



Somente 6 anos depois do fim do mestrado foi que eu ingressei no doutorado em uma área distinta daquela em que fiz o mestrado, o que configura um percurso não linear.

E. O que pode dizer de positivo na escolha deste percurso?

M. A carreira científica tem peculiaridades que a configura muito diferente das demais, o que não quer dizer que seja nem melhor, nem pior, apenas um pouco diferente. Às vezes pessoas que não participam diretamente do meio acadêmico/científico têm muita dificuldade de compreender nossas rotinas, os desafios, os valores da carreira. Por isso inclusive, é comum que as relações pessoais como amizades e casamentos se deem comumente entre cientistas. A minha escolha por trilhar a carreira científica me permitiu obter conquistas pessoais que somente meus colegas de profissão são capazes de entender como verdadeiramente valiosas, uma vez que esse sentido de valor não está – longe disso – atrelado a conquistas monetárias e bens. A maturidade que eu tinha ao ingressar no doutorado estabelecendo um intervalo de tempo após o fim do mestrado, me permitiu conhecer uma outra área de pesquisa, mudar de rumo, o que me faz hoje muito mais feliz e realizada. Além disso, como cientista mulher entendo e reconheço os desafios que se apresentam quando uma pesquisadora desenvolve concomitantemente um projeto de pesquisa e os cuidados com uma criança pequena. O que não é impossível, mas naquela época era muito menos compreendido. Logo, ter feito essa pausa me concedeu calma e tempo para dar conta dos dois processos, um por vez.

E. Tendo sido habilitada em Licenciatura, a senhora atua ou atuou no Ensino Básico? Em quais etapas?

M. Apesar de ser professora do Instituto Federal do Rio de Janeiro, uma instituição que oferece de forma verticalizada cursos desde o ensino médio até a pós-graduação, eu nunca tive a oportunidade de lecionar na educação básica. Toda a minha experiência como docente se deu na graduação, especialmente na formação de professores, e na pós-graduação (lato e stricto sensu). No entanto, coordenei por um longo período o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), no qual tinha profundo contato com os professores da educação básica e desenvolvia projetos em parceria. Essa coordenação me permitiu atuar diretamente no ensino médio, não como docente titular, mas como promotora de projetos para o ensino de ciências nesse nível educacional.



E. Hoje a senhora ministra disciplinas em curso universitário?

M. Atualmente atuo somente em cursos de pós-graduação (lato e stricto sensu), mas atuei na Licenciatura em Química e em diversos bacharelados na área de saúde por mais de 10 anos.

E. A partir de quando teve início sua vida de pesquisadora?

M. Acredito que desde a iniciação científica júnior, quando ainda cursava o ensino médio. Mas, efetivamente como responsável por projetos de pesquisa, desde meu ingresso na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, em 2012.

E. Como concilia a vida profissional, de professora e de pesquisadora, com a vida familiar?

M. Como eu disse anteriormente, a carreira acadêmica tem peculiaridades, e uma delas sem dúvida é a dificuldade de conciliação das rotinas socialmente impostas com os processos, muitas vezes ainda bastante desumanizados, da carreira científica. Isso sacrifica demais a vida dos pesquisadores e, em especial, das pesquisadoras. Eu me considero uma pessoa privilegiada por ter um emprego público que me permite certa tranquilidade financeira e direitos legais como férias e licenças e jornada de trabalho de 40hs, fundamentais para a manutenção da saúde e dos vínculos familiares. Deixo claro que esses não deveriam ser considerados privilégios, mas, na realidade em que vivemos de uma sociedade tão desigual, de um capitalismo tão violento e nocivo, e de um sistema de trabalho que massacra tanto o trabalhador, ter essas características no desempenho de sua função, acaba sim por se tornar privilégio. Também atribuo parte da minha tranquilidade na vida pessoal ao fato de estar casada com um pesquisador que compreende e me apoia na minha rotina. Tenho uma filha de 16 anos que cresceu me vendo trabalhar demais, mas com um prazer e uma satisfação que, acredito, contribuíram para que ela tivesse uma visão do trabalho muito diferente da visão capitalista. Tenho o meu trabalho com uma fonte de satisfação pessoal e toda a minha família e amigos sentem isso.

E. A senhora tem ideia de quantas pessoas já formou, seja em nível universitário e/ou pós graduação?

M. Na graduação seguramente contribuí para a formação mais de 200 professores da educação básica e profissionais de saúde. Alguns deles seguiram para a carreira acadêmica. Destaco aqui as orientações na iniciação científica que foram 5 até hoje. Em nível de especialização, foram 3



especialistas já formados orientados por mim. Mestres já foram 15 nos programas de Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT-IFRJ) e de Ensino de Ciências Matemática (Educimat-IFES), sendo que 3 desses já são doutores atualmente. Orientei também 1 doutor formado em 2021 e coorientei uma doutora formada em 2022.

E. Qual sua principal linha de pesquisa atualmente?

M. Minha principal linha de pesquisa está relacionada com a promoção de uma educação em ciências mais inclusiva, especialmente pensada no contexto da inclusão de pessoas com deficiência. Nesta linha estão inseridos projetos relacionados à produção de recursos e construção de processos e metodologias que favoreçam o ensino das ciências da natureza com um caráter de formação para o exercício da cidadania e a formação humanista.

E. Em algum momento pensou em ter feito alguma escolha diferente das que fez? Por que?

M. Considero ter me encontrado do ponto de vista de realização profissional e pessoal na área de Ensino de ciências e, por isso, me sinto plenamente satisfeita com as escolhas que fiz. Mas, logo que concluí o mestrado, fui aprovada no doutorado em Química Biológica e teria seguido com a pesquisa nesta outra área se não tivesse escolhido priorizar minha vida pessoal à época e abdicar temporariamente do curso. Analisando hoje, penso que não deveria ter feito diferente, porque essa decisão foi o que, no futuro, me permitiu mudar de área e conhecer a pesquisa em Ensino que é, sem dúvida alguma, a área em que me sinto efetivamente feliz e realizada podendo, assim, contribuir de forma mais efetiva para a sociedade.

Lendo a entrevista da dra. Michele, posso resumir que há uma defesa do ensino público, posto que toda sua formação foi realizada nessas instituições, inclusive sua segunda graduação feita com o objetivo estrito de ter o direito de ministrar aulas no ensino médio do Instituto Federal do Espírito Santo, onde trabalhava à época.

É ressaltada a influência benéfica de um professor da escola durante sua formação básica, o que nos chama a responsabilidade quando entramos em uma sala de aula. Provavelmente, este mesmo professor pode ter sido a mola propulsora para o mestrado logo após sua graduação.



A professora interrompeu sua formação por seis anos por um motivo importante na vida de uma mulher, a maternidade. Porém, assim que possível, retornou à Academia para buscar seu doutorado.

Atualmente ministra aulas para pós graduação, mas, como foi coordenadora do PIBID, teve um contato bastante próximo com o ensino médio.

Um ponto que deve ser ressaltado, ainda, é a importância da iniciação científica na vida da professora que, apesar de reconhecer as dificuldades que as cientistas enfrentam por serem mulheres, persiste, orientando pessoas em iniciação científica, mestrado e doutorado.